

A morte de Saul

O que você vê é resultado direto daquilo em que acredita. (Paul Ferrini).

Pouco depois que os hebreus saíram do Egito, onde ficaram 430 anos em escravidão, já no deserto, dois meses e pouco após iniciar o êxodo (aproximadamente 1.250 a.C.), os amalecitas os atacam, tentavam, com isso, impedi-los de passar pelo seu território. Sob o comando de Josué, o povo israelita, derrota Amalec (neto de Esaú), e passa a fio de espada toda a tropa do inimigo.

Neste dia, Javé faz um juramento: *“Escreva isso num livro como memória e diga a Josué que eu vou apagar a memória de Amalec debaixo do céu”* (Ex 17,14), porque ficou completamente indignado com a ação dos amalecitas de fazerem guerra ao “povo escolhido”, vindo a prejudicar a chegada dos hebreus à Terra prometida.

Entre os anos de 1.030 a 1.010 a.C., no reinado de Saul (primeiro rei de Israel), é que Javé resolve levar adiante seu juramento e traça o plano de vingança, contra Amalec, determinando Saul a sua execução:

1Sm 15,2-3: “Assim diz Javé dos exércitos: Vou pedir contas a Amalec pelo que ele fez contra Israel, cortando-lhe o caminho, quando Israel subia do Egito. Agora, vá, ataque, e condene ao extermínio tudo o que pertence a Amalec. Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos”.

Saul atende à determinação de Javé e ataca os amalecitas, matando todo o povo; entretanto, ao invés de exterminar, captura a Agag, rei dos amalecitas. E, além disso, poupa o gado gordo e os cordeiros, só abatendo os que não tinham valor.

Javé, pela boca do profeta Samuel, alega não ter gostado da atitude de Saul, e diz: *“Estou arrependido de ter feito Saul rei, porque ele se afastou de mim e não executou as minhas ordens”* (1Sm 15,11). E, apesar de Saul ter-se justificado que o gado e os cordeiros que não tinha matado eram para serem oferecidos em sacrifício a Javé, e que o rei dos amalecitas fora capturado, ele não aceita a justificativa, e diz: *“Javé arranca hoje de você o reinado sobre Israel e o entrega a outro mais digno do que você”* (1Sm 15,28).

Algum tempo depois, os filisteus reuniram-se para atacar Israel. Diante disso, Saul ficou desesperado, fez de tudo para saber o que lhe aconteceria diante da iminente guerra. Consultou a Javé, e não obteve nenhuma resposta; aí então resolve procurar uma necromante, indo até Endor. Chegando à casa da mulher, Saul pede para ela adivinhar o futuro, evocando o espírito de Samuel, que morrera, havia algum tempo. E Samuel-espírito se manifesta, por intermédio da necromante, e repete o que já lhe havia dito quando vivo, ou seja, que Javé iria entregá-lo, juntamente com seus filhos e seu povo, ao inimigo.

Mesmo depois disto, Saul entra em guerra com os filisteus. Foi uma fulminante derrota, pois os filisteus ganharam a batalha, matando muita gente, entre eles os filhos de Saul. Os arqueiros atingiram a Saul, e ele, não querendo cair vivo nas mãos dos inimigos, pede a seu escudeiro que o mate com uma espada. Como não foi atendido, pois o escudeiro se recusou a matar o seu rei, não lhe restou outra alternativa, senão pegar a sua própria espada e lançar-se sobre ela, morrendo em seguida (1Sm 31,4). Assim, a morte de Saul foi por suicídio.

A segunda versão diferente da morte de Saul, nós vamos encontrá-la em 2Sm 1, quando um homem dizendo-se amalecita relata a Davi a morte de Saul e seus filhos, da seguinte forma:

2Sm 1,6-10: “... Eu estava casualmente no monte Gelboé e vi Saul apoiado em sua própria lança, enquanto os carros e cavaleiros se aproximavam. Saul virou-se, me viu, e me chamou. ...Então Saul me disse: ‘Aproxime-se e mata-me, pois estou agonizando e não acabo de morrer’. Então eu me aproximei dele e o matei, porque eu sabia que ele não iria mesmo sobreviver depois de caído”.

A terceira versão, da morte de Saul está narrada em 2Sm 21,12: *“Então Davi foi pedir os ossos de Saul e de seu filho Jônatas aos cidadãos de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde os filisteus os haviam enforcado, quando venceram Saul em Gelboé”*.

Até aqui ficamos sem saber como realmente Saul morreu: suicidou-se? Teria pedido a um amalecita que o matasse? Ou será que foi enforcado? Três versões diferentes para um só fato. Por isso, se dissermos que toda a Bíblia é de inspiração divina, teremos que admitir que o próprio Deus tenha ditado as três versões; não há como sair deste absurdo.

Eis que nos aparece um salvador da pátria, para explicar essa última versão da morte de Saul; leiamos:

No dia seguinte, depois desse grande combate, os vencedores, despojando os mortos, reconheceram o corpo de Saul e os de seus filhos. Cortaram a cabeça de Saul, e depois de terem anunciado a morte dele por todo o país e consagrado as almas no Templo de Astarote, seu falso deus, penduraram os corpos em forcas, perto da cidade de Bete-Seã, que hoje se chama Scitópolis. [...] (JOSEFO, 2003, p. 172). (grifo nosso).

Pelo que aqui nos conta o historiador hebreu Flávio Josefo, o “enforcamento” foi realizado apenas com o corpo morto de Saul, e não que ele tenha sido enforcado.

No primeiro livro de Crônicas (10,1-12), é relatada a morte de Saul, exatamente como está narrada em 1 Samuel, capítulo 31, primeira versão. Entretanto, nos versículos 13 e 14, foi colocada como causa da morte de Saul, o seguinte:

1Cr 10,13-14: *“Saul morreu por ter sido infiel a Javé: não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé”*.

Nessa última narrativa, apesar dela vir a coincidir com uma anterior, a causa da morte de Saul não corresponde ao fato ali narrado. E veja a que conclusão nos leva essa narrativa. Por ela nós temos a impressão de que Saul morreu porque não cumpriu a determinação divina de não evocar os mortos, fato completamente contrário ao acontecido, pois acreditamos que a questão da infidelidade de Saul que o cronista queria passar seria a de que Saul não tinha exterminado os amalecitas exatamente como Javé tinha ordenado. Quanto à questão de não ter consultado a Javé, está narrado que ele O consultou. Nesse caso, deve ter havido uma interpolação, para associar a morte de Saul ao fato de que ele teria ido consultar a necromante, cujo objetivo seria fazer da morte de Saul um castigo de Javé, por ele, Saul, ter-se comunicado com Samuel-espírito.

Quem quer que busque a verdade, encontrará essas e muitas outras incoerências na Bíblia. Mas, ainda existem muitos que querem, a ferro e fogo, manter a Bíblia como sendo, toda ela, de total inspiração divina. Não se apercebem de que, com esse exagero, o número dos incrédulos aumenta cada vez mais. E esse número só não é maior, porque ainda existem muitas pessoas que preferem ser encabrestadas por líderes religiosos, os quais insistem, a todo custo, em fazer com que, por medo de Deus, não se ponham a questionar alguns pontos da Bíblia, sob o argumento de ser ela de “inspiração divina”, esquecendo-se de que foram os homens que a escreveram e nela colocaram seus pensamentos conforme o seu conhecimento da época, incluindo nela lendas, coisas da mitologia antiga, misturadas, é óbvio, às muitas revelações provindas de Deus. E é pelo “temor” de desagradarem a Deus, que, quando buscam a verdade que possa estar contida na Bíblia, não enxergam essas falhas dos seus autores. E isso, com a complacência de muitos de seus dirigentes que, muitas vezes, apercebem-se dessas falhas, mas preferem o silêncio – para manterem na ignorância interessada, os seus fiéis – ao esclarecimento deles, pois esclarecê-los poderá causar prejuízos aos interesses particulares desses dirigentes.

Entretanto, temos por nós, que, se Deus dotou o homem de inteligência, é para que ele a use em plenitude; não devemos, pois, agir como se fôssemos “avestruzes”, escondendo a “cabeça” diante da verdade pura e cristalina!

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Fev/2002.
(revisado mar/2010)

Referência bibliográfica:

Bíblia Anotada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, Sociedade Bíblia Católica Internacional e Paulus, 14a. Impressão, 1995;

Bíblia Sagrada, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 8ª edição, 1989, para as datas.

JOSEFO, F. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: 2003.